

XXII Encontro da Associação de História  
Económica e Social

Aveiro, 15-16 de Novembro de 2002

A representação social dos empresários na literatura  
económica portuguesa de finais de Oitocentos<sup>1</sup>

Alcino Pedrosa

Instituto Pluridisciplinar de História das Ideias  
da Universidade Nova de Lisboa

---

<sup>1</sup> Versão provisória. Pede-se o favor de não citar.; aceitam-se, no entanto, os comentários e sugestões, que poderão ser enviados para [ap1959@mail.telepac.pt](mailto:ap1959@mail.telepac.pt).

## **O. Introdução**

Quando percorremos a literatura económica portuguesa do último quartel de Oitocentos, somos confrontados com um aspecto, nem sempre devidamente estudado, mas que, pela extensão da sua presença, de modo algum pode ser subestimado: a existência de uma reflexão de índole social na abordagem / tratamento do económico.

Presente em vários autores deste período, preocupados em compreender e avaliar o alcance social de algumas práticas decorrentes da expansão do capitalismo, esta reflexão influenciou um conjunto significativo de obras, com matrizes e conteúdos teóricos e doutrinários diversificados, de diferentes géneros e formatos. Encontramo-la tanto em escritos com um carácter compendiário ou académico, como em textos doutrinários, de divulgação ou simplesmente de opinião.

Nessa abundante produção literária, coube um lugar muito especial à análise do papel desempenhado pelos diversos agentes intervenientes no processo de produção. Tema de eleição de muitos autores, que se esforçaram por demonstrar, por caminhos mais ou menos ortodoxos, que a economia política deveria constituir um instrumento de interpretação privilegiado das transformações económicas e sociais que então se operavam na sociedade portuguesa.

A generalidade dos textos analisados, embora podendo divergir quanto às preocupações que os determinaram, parece, no entanto, convergir num ponto: na importância atribuída ao empresário como elemento fundamental do processo produtivo.

Nas páginas que se seguem, procuraremos documentar este aspecto, na convicção que os seus testemunhos podem ser encarados como sinais reveladores do processo de difusão e entendimento da economia política, em Portugal.

## **1. O empresário como factor de mudança e progresso**

Começaremos por um autor, que, sem margem de controvérsia, foi uma figura de referência da Faculdade de Direito de Coimbra e da vida política portuguesa, na segunda metade de Oitocentos: José Dias Ferreira. Apesar de escassas, as incursões deste académico coimbrão, que substituiu Joaquim Maria Rodrigues de Brito na regência da cadeira de Filosofia do Direito, na área da economia não deixam de ser interessantes e susceptíveis de um estudo mais aprofundado.

A sensibilidade de José Dias Ferreira por estas matérias - sobre as quais havia recebido formação mínima durante a sua passagem pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra - manifesta-se, pela primeira vez, num pequeno livro (litografado), publicado em 1856, com a finalidade servir de complemento ao compêndio de Adrião Pereira Forjaz de Sampaio<sup>2</sup>.

Nesta sua prosa de iniciação, José Dias Ferreira revelava-se, essencialmente, um discípulo atento do seu mestre. O texto, falho de alguma originalidade, dada a sua aproximação ao manual de Forjaz<sup>3</sup>, limitava-se a ser um resumo das aulas do lente coimbrão, escrito numa *«linguagem simples e clara, de modo a ser facilmente entendido*

---

<sup>2</sup> A referência completa a esta obra é: Ferreira, José Dias, *Lições de Economia Política ou breve exposição dos princípios desta ciência*, Coimbra, Litographia da Rua do Correia, 1856

<sup>3</sup> Referimo-nos à edição de 1852 do compêndio de Forjaz de Sampaio, cuja indicação bibliográfica completa é: Sampaio, Adrião Pereira Forjaz de, *Elementos de Economia Política*. 4<sup>a</sup> edição, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1852.

pelos alunos.”<sup>4</sup> Centrava-se, sobretudo, nas questões da Política Económica, que, constituíam, de resto, uma das matérias mais importantes do programa da disciplina, correspondendo esta sua opção a uma solicitação do próprio titular da cadeira, «quando este o desafiara a escrever a sebenta»<sup>5</sup>. Este facto, bem como a publicação, no ano seguinte, de um *Ensaio sobre os Primeiros Elementos da Theoria da Estadística*”<sup>6</sup> levam-nos a supor que Dias Ferreira ambicionaria seguir uma carreira académica na área da economia, desiderato, que, no entanto, - por razões que não cabe aqui explicitar - acabaria por sair frustrado.

Ocupado com o ensino do direito, a advocacia e a vida política, onde, de resto, chegaria a alcançar alguma notoriedade<sup>7</sup>, José Dias Ferreira ver-se-ia obrigado a circunscrever as suas intervenções pela economia a um ou outro discurso parlamentar ou artigo de opinião, mantendo esta postura de contenção até 1880, quando, num assomo de maior fôlego, publicaria um livro intitulado *O trabalho industrial*<sup>8</sup>.

Escrita numa altura em que o lente coimbrão usufruía de um prestígio e de uma posição na Universidade, que lhe permitia aventurar-se por outros domínios, que não os da sua área de docência, esta obra, segundo o seu autor, seria o resultado de «...algumas leituras por [... ele efectuadas] durante os vários anos em que alimentara um interesse mudo pela economia política, às quais [...sentia agora necessidade de dar alguma

---

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*, p. 3

<sup>5</sup> Idem, *ibidem*

<sup>6</sup> A referência completa a esta obra é: Ferreira, José Dias, *Ensaio sobre os Primeiros Elementos da Theoria da Estadística*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1857.

<sup>7</sup> Conotado com ala mais radical do liberalismo, José Dias Ferreira conservou sempre alguma distância relativamente aos partidos tradicionais, chegando, mesmo, a critica-los virulentamente. Tal postura explica, que, não obstante tivesse sido eleito para a Câmara dos Deputados por diversas vezes, apenas em duas ocasiões participou em governos: em 1868, após a revolta da “Janeirinha”, quando assumiu a pasta da fazenda, e, em 1870, na sequência de mais um pronunciamento militar chefiado por Saldanha

<sup>8</sup> Vide Ferreira, José Dias, *O trabalho industrial*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1880, p. 32

utilidade,] com a publicação de um livro onde reunia algumas das ideias, que, ao longo deste tempo, havia amadurecido»<sup>9</sup>.

Estamos, deste modo, perante um texto, motivado por profundas preocupações pessoais, e destinado fundamentalmente a um público leitor exterior à Universidade, o que o libertava dos condicionamentos impostos a qualquer elaboração compendiária e permitia ao seu autor uma maior liberdade de opinião. Este mesmo aspecto seria, de resto, reconhecido pela próprio Dias Ferreira, na introdução à obra, ao escrever:

*“Este livro não tem certamente o rigor de um compêndio, nem pretende sê-lo, já que o seu autor não é professor de economia, nem foi incumbido de tal.[...] O seu único propósito é o de coligir algumas ideias, que fui amadurecendo ao longo dos anos, e que, agora, que o trabalho de professor me permite, dou a conhecer de um modo livre e sem estar obrigado a qualquer determinação superior.”*<sup>10</sup>

Seria, pois, sem constrangimentos, ainda que com algumas limitações, sobretudo do ponto de vista teórico, que o lente coimbrão se aventuraria numa reflexão sobre o trabalho industrial, começando por centrar a sua abordagem, nos agentes intervenientes no processo de produção, onde é nítido o seu tributo a Say, que, nesta matéria, continuava a ser para ele uma referência obrigatória. Ao caracterizar a função empresarial, escrevia o nosso autor, fundamentando a sua opinião no economista francês:

*“Não basta àquele que se propõe à obra industrial ter à sua disposição o capital e os meios necessários. O que é importante é saber como aplicá-los, de modo a que a obra se possa realizar. É esta competência que se pede ao*

---

<sup>9</sup> Idem, *ibidem*, p. 2

<sup>10</sup> Idem, *ibidem*, p. 3.

*empresário: saber como dirigir a execução da obra. Competência que faz dele o principal agente da produção. Say, Cours Complet d'Économie Politique Pratique. P.I. Cap.6*<sup>11</sup>

O empresário é, assim, considerado o elemento fundamental do processo produtivo, qualificativo, que, se por um lado, lhe confere um estatuto elevado, por outro lhe impõe responsabilidades económicas e sociais acrescidas, já que – como nota Dias Ferreira – “ *do seu trabalho depende o sucesso da empresa, e, através deste, o progresso da sociedade. [...] Responsabilidade enorme, sem dúvida, para quem dirige a obra industrial, já que carrega nas suas mãos os meios que podem trazer os melhoramentos que necessitamos.*”<sup>12</sup>

Tal como o nosso autor o vê, o empresário é, assim, um factor de mudança e de progresso; o agente, que pela combinação dos factores económicos (trabalho e capital), com o seu génio, iniciativa, empenho e capacidade inovadora, cria produtos e serviços, que irão ser utilizados pelas pessoas, gerando, assim, actividade económica. Será, deste modo, uma espécie de intermediário entre a oferta e a procura, ou, se quisermos utilizar a linguagem do próprio autor, «*a força vital que, conhecedora das necessidades da sociedade se encarrega de providenciar o fornecimento dos produtos de que esta carece.*”<sup>13</sup>

Numa palavra, diríamos nós, é o *homo economicus* por excelência. Não só organiza a produção, como, ao fazê-lo, assume um risco, que pode ser elevado, já que “*compromete os seus bens e até mesmo a sua honra*”<sup>14</sup>, sendo o lucro que auferir uma

---

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*, p. 25.

<sup>12</sup> Idem, *ibidem*, p. 32.

<sup>13</sup> Idem, *ibidem*, p. 33

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*.

espécie de recompensa pela função social de «*risk-bearer*»<sup>15</sup> que desempenha. Por esta razão, Dias Ferreira não hesita em considerar o prémio de risco como um acto de elementar justiça, que contribui para ressarcir o empresário, não só do dinheiro que investiu<sup>16</sup>, mas também, das incertezas em “*que viveu enquanto não viu o seu esforço recompensado. Independentemente do valor que atingir, será sempre uma remuneração justa para quem colocou em risco o seu dinheiro, e, através do seu trabalho, proporcionou o progresso e o bem-estar geral.*”<sup>17</sup>

A actividade empresarial seria, assim, aferida, não só pela riqueza que produzia, mas pelos finalidades ético-sociais a que se destinava, o que deixava perceber uma convergência de interesses entre o empresário e a sociedade

## **2. O empresário como garante da estabilidade social**

A aferição do valor da função empresarial pela sua utilidade social não seria, de resto, uma ideia exclusiva de José Dias Ferreira. Encontrámo-la recorrentemente expressa em vários textos deste período, tanto em autores, reconhecidos como especialistas em economia, como Adrião Pereira Forjaz de Sampaio ou José Joaquim Rodrigues de Freitas, como noutros nomes menos importantes, alguns mesmo com uma intervenção meramente pontual nesta área, como foi o caso de Miguel Baptista da Silva.. Jurista, com artigos dispersa em vários periódicos e revistas, notabilizou-se, sobretudo,

---

<sup>15</sup> Cfr. Knight, Frank, “Risk, Unvertainly and Profit”, Houghton, Mifflin, 1921

<sup>16</sup> Note-se que José Dias Ferreira não coloca a possibilidade de separação entre o proprietário de capitais e a função empresarial, ainda que afirme que nem todos os capitalistas podem ser empresários. Vide Ferreira, José Dias, *ob. cit.*, p. 33

<sup>17</sup> Idem, *ibidem*.

como colaborador de “O Instituto”, de Coimbra<sup>18</sup>, onde publicou diversos artigos na área do direito fiscal. Em 1884, escreveu um pequeno livro, intitulado *Lições de Economia Industrial*<sup>19</sup>, obra que, na altura da sua publicação, não conheceria uma grande projecção, mas que nem por isso deixa de nos fornecer um repositório de indicações importantes para o estudo da difusão da economia política em Portugal. Trata-se de um texto sem grandes pretensões teóricas ou teorizantes, com um carácter essencialmente formativo e de divulgação, destinado – como o próprio fez questão de sublinhar na introdução – “*a esclarecer, à luz dos ensinamentos da economia política, todos os que trabalham na indústria, sobre o modo como poderão exercer melhor as suas tarefas.*”<sup>20</sup>

Das vinte páginas que o autor dedica aos agentes da produção, cinco centram-se no empresário, que Baptista da Silva define sinteticamente como o “*director industrial, isto é, o homem que pensa a obra, define os meios e dirige a sua execução*”<sup>21</sup> O empresário será, assim, o protagonista central do processo produtivo, papel que lhe exige várias competências, já que não apenas tem de saber como aplicar o capital, como também deverá saber escolher os melhores meios técnicos e humanos (e potenciar a sua rentabilização) e não errar na oportunidade do investimento<sup>22</sup>. Tendo sempre presente, contudo, a finalidade social do seu trabalho, como faz questão de sublinhar:

*“O empresário não pode deixar de ser movido pelo bem à causa pública.*

*Procurando o lucro, que é sem dúvida alguma legítimo, não pode, todavia,*

---

<sup>18</sup> Referimo-nos ao “O Instituto. Jornal Científico e Litterário”, editado em Coimbra, pela , Imprensa da Universidade.

<sup>19</sup> A referência completa a esta obra é: Silva, Miguel Baptista da, *Lições de Economia Industrial*, Porto, Magalhães e Moniz, Editores, 1884.

<sup>20</sup> Idem, *ibidem*, p. 2.

<sup>21</sup> Idem, *ibidem*, p. 13.

<sup>22</sup> Idem, *ibidem*, pp. 13-14

*esquecer o fim último do seu trabalho: velar para que a sociedade veja as suas necessidades satisfeitas.*”<sup>23</sup>

Miguel Baptista da Silva não se limita, todavia, a sublinhar a convergência de interesses entre o empresário e a sociedade, indo mais longe, já que vislumbra num competente exercício da função empresarial um garante da estabilidade social. Escreve ele:

*O empresário bem sucedido [... será assim] aquele que, fazendo aumentar a riqueza, particular e geral, concorre para o bem-estar de todos. Conhecerá o respeito dos operários que sob a sua direcção trabalham se cumprir esta missão, caso contrário, não verá deles nada mais que a desmoralização e, muitas vezes, a revolta.*”<sup>24</sup>

O sucesso empresarial estaria, deste modo, segundo o nosso autor, intimamente ligado à questão social. Uma correcta e eficiente direcção da obra industrial seria necessariamente condição *sine qua non* para uma paz social, que se desejava e se afirmava indispensável ao progresso e bem-estar. Razão pela qual, não seria lícito ao empresário desmotivar os trabalhadores, explorando a sua mão de obra: Antes, pelo contrário, deveria preocupar-se em proporcionar-lhes pequenos estímulos, que os “*levassem a ter gosto pelo trabalho, ou não fosse este origem de todas as virtudes, como escreve Saint-Simon*”<sup>25</sup>. Estímulos esses, que poderiam assumir diversas formas, desde o incentivo à formação profissional – Baptista da Silva defendia a criação de escolas profissionais onde os operários pudessem «*acostumar-se*» aos novos

---

<sup>23</sup> Idem, *ibidem*, p. 15.

<sup>24</sup> Idem, *ibidem*, p. 15.

<sup>25</sup> Idem, *ibidem*

procedimentos técnicos -, até à possibilidade de transferência de funções na própria fábrica, a fim de evitar a habituação ao mesmo trabalho.”<sup>26</sup>.

O resto do texto acaba por ser um conjunto de imagens e frases recorrentes que procuram demonstrar a excelência da função empresarial, quando bem executada, seja através da enunciação das qualidades que o empresário deveria possuir, as quais, segundo Baptista da Silva seriam quatro – prudência, espírito inovador, poder de iniciativa e conhecimento -, seja sublinhando a mais-valia que poderia representar o conselho dos empresários para uma administração competente. Sob este aspecto, não deixa de ser curioso o seu ponto de vista. Diz o nosso autor:

*“Os empresários são obreiros do progresso. Por esta razão, não devem ser ignorados pelos homens de Estado, que os devem ouvir, frequentemente, antes de tomarem decisões, que digam respeito às questões económica.”*<sup>27</sup>

### **3. O empresário e a inovação técnica**

O tríptico que construímos, centrado no estudo da representação social do empresário na literatura económica portuguesa de finais de Oitocentos, completa-se com um autor, relativamente pouco conhecido, com uma obra, no entanto, dispersa por áreas tão díspares, como o direito fiscal, a economia, a ciência política e a sociologia.. O seu nome: João Jacinto Tavares Medeiros.

---

<sup>26</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>27</sup> Idem, *ibidem*, p.17.

O título escolhido foi publicado em 1888 e tem o título singelo de *O progresso industrial*<sup>28</sup>.

Trata-se de um pequeno opúsculo, escrito a partir de uma conferência proferida na Associação Liberal Portuense, em 1887, onde o autor discorre algumas ideias sobre a indústria e os seus agentes. O interesse deste texto reside, sobretudo, no tipo de abordagem que faz dos empresários, considerando-os sob uma perspectiva pouco habitual na época: as relações da ciência com a indústria. Tavares Medeiros não tem dúvidas relativamente a este aspecto: o empresário tem um papel fundamental na procura de novas soluções tecnológicas para a indústria, não se podendo dissociar das inovações científicas que vão ocorrendo. Mas uma outra função, mais importante ainda, estava-lhe reservada: validar a aplicação destas descobertas, porque só assim elas demonstrarão a sua utilidade para a indústria. Ouçamos o nosso autor:

*“Os últimos anos revelaram-se pródigos em novas descobertas, importantes para o desenvolvimento da indústria. Mas estas descobertas só se tornaram verdadeiramente importantes e determinantes, porque houve homens que souberam como aplicá-las na indústria [...] O que nos conduz a uma verdade incontestada: o conhecimento científico é essencial, mas por si só não basta. Não terá mesmo qualquer utilidade se não for aplicado em coisas úteis ao homem. [...] É este o trabalho empresário: dar utilidade ao conhecimento, colocando-o ao serviço das necessidades que a sociedade tem.”*<sup>29</sup>

Ao empresário estava assim destinado um papel importante na transformação do conhecimento científico em bens e serviços. Restava saber se o empresário,

---

<sup>28</sup> A referência completa a este texto é: Medeiros, João Jacinto Tavares, *O progresso industrial*, Porto, Tipografia Industrial, 1888.

<sup>29</sup> Idem, *ibidem*, p. 5

concretamente o empresário português, estava preparado para o desempenhar. Tavares Medeiros revela algumas dúvidas, pelo menos no actual estado do país, marcado por uma “*apatia geral, que parece adormecer os empresários*”<sup>30</sup>. Impunha-se, assim, uma mudança de comportamentos e atitudes, face ao trabalho e ao conhecimento, que fizesse despertar nos empresários a força vital indispensável “*ao progresso e desenvolvimento do país*”<sup>31</sup>. Querer que esta mudança abrangesse todos os intervenientes, era irrealizável, mas pelo menos deveria proporcionar o aparecimento de uma elite, que, consciente das carências e interesses reais do país e estrategicamente bem colocada na sociedade, pudesse funcionar como émulo de um processo de desenvolvimento.

Numa palavra: tratava-se de dar um novo rumo à História.

---

<sup>30</sup> Idem, *ibidem*, p. 7

<sup>31</sup> Idem, *ibidem*.

## Bibliografia

Almodovar, António e Cardoso, José Luís, *A History of Portuguese Economic Thought* , London and New York, Routledge, 1998.

Cardoso, José Luís *História do pensamento económico português: temas e problemas* , Lisboa, Livros Horizonte, 2001.

Ferreira, José Dias, *Lições de Economia Política ou breve exposição dos princípios desta ciência*, Coimbra, Litographia da Rua do Correia, 1856.

Ferreira, José Dias, *O trabalho industrial*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1880..

Knight, Frank, “Risk, Unvertainly and Profit”, Houghton, Mifflin, 1921

Medeiros, João Jacinto Tavares, *O progresso industrial* , Porto, Tipografia Industrial, 1888.

Pereira, Francisco da Costa, *Representação social do empresário*, Lisboa, Sílabo, 2001

Redondo, Manuel Santos, *El empresario y la empresa en el capitalismo: el estudio de la jerarquia y de la oraganización al largo de de la historia del pensamiento economico*, Madrid, Universidad Complutense, Servicio de Reprografia, 1992.

Silva, Miguel Baptista da, *Lições de Economia Industrial*, Porto, Magalhães e Moniz, Editores, 1884.